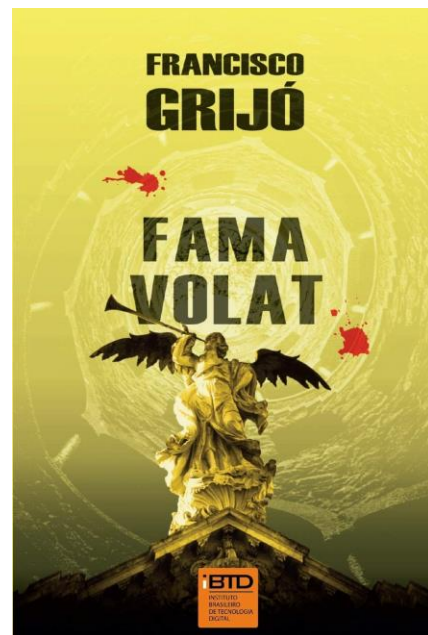


GRIJÓ, Francisco. *Fama Volat*.
Vitória: Cândida, 2019.

Fábio Daflon*



Francisco Grijó, capixaba, escritor, professor de Literatura Brasileira, é membro titular da Academia Espírito-Santense de Letras; além disso, foi Secretário de Cultura de Vitória. Autor de *Diga adeus a Lorna Love* (contos, 1987); *Um outro país para Alice* (contos, 1989); *Com Viviane ao lado*

* Especialista em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

(romance, 1995); *Licantropo* (contos, 2001); *Histórias curtas para Mariana M* (romance, 2009); *Todas elas, agora* (contos, 2013). Participou de várias antologias literárias (conto, crônica) e publicou uma biografia em 2017: *Os mamíferos: crônica biográfica de uma banda insular*. Publicou em 2019 o romance policial *Fama Volat*, livro do qual nos ocupamos a partir de agora.

Segundo Mario Vargas Llosa, há três formas de crítica:

A primeira, individual e subjetiva, predominou no passado, e seus defensores a chamam de clássica; seus detratores de impressionista. A segunda, moderna, pretende ser científica, analisar uma obra de maneira objetiva, em função de regras universais, muito embora, é claro, a índole das regras varie conforme o crítico (psicanálise, marxismo, estilística, estruturalismos, combinações). A terceira tem mais a ver com a história de literatura do que com a crítica em si propriamente dita. (VARGAS LLOSA, 2015, p. 9)

O livro *Fama Volat* pode ser analisado dos pontos de vista impressionista (aliás, o impressionismo é um etilo de época começado no fim do século XIX e início do século XX), científico-acadêmico ou histórico-literário, não cabendo a análise individual e subjetiva, embora haja a descrição de traços de personalidade dos personagens. No livro, há uma gama de informações demandantes de processamento, como se fossem pontuados entre os fatos da apuração de um crime todos os elementos de um romance-ensaio sobre as artes e como funciona o mercado negro das peças de arte.

“Há uma sociedade secreta neste livro – e seu nome dá título à obra: *Fama Volat*”; diz-nos o autor na introdução do livro, sob o título “O que vem por aí” (GRIJÓ, 2019, p. 11). Mas o autor não é o único narrador presente no livro, pois há um narrador personagem que nos fala de dentro da organização secreta, sugerido pelos subtítulos de quatro capítulos: A palavra original de Bach ou quando falo pela primeira vez; Gravuras na antiga Bucareste ou quando falo pela segunda vez; Os ensaios operísticos de Capone ou quando falo pela terceira vez e A correspondência Eastman-Kreuger-Doyle ou quando falo pela última vez. E é esse narrador personagem que utiliza a forma impressionista de escrever.

No capítulo “A palavra original de Bach” ou quando falo pela primeira vez, afirmamos o narrador personagem:

Seria a Fama Volat apenas uma lenda urbana? O termo remonta a Virgílio, poeta romano clássico, autor de Eneida – texto em cujo conteúdo se encontra tal expressão. Numa tradução grosseira e literal, significa a Fama Voa – ou seja: a notícia é disseminada com rapidez, o que constitui não somente um oxímoro, como também uma ironia (que em muitos casos dá na mesma), já que a Fama Volat é, a valer, uma organização tão absolutamente secreta que ninguém sabe ao certo se ela é verdadeira. Para muitos é mito. (p. 19)

A narrativa nos diz como surgiu a Fama Volat. Fala que os encontros dos componentes da organização tinham um único objetivo nas suas origens: a troca de informações sobre o tráfico de obras de arte, fossem elas literárias, plásticas ou musicais (p. 19).

Anselmo Rosa-Torres é investigador policial de nome ilibado e evitou notoriedade por ter resolvido um crime ocorrido na High Society, anterior ao relatado no romance. Serve na 5ª DP, na João Carlos de Souza, Praia do Canto, e lhe caberá investigar o assassinato do casal Simone Carpeaux e Ester Vilhena, a primeira bem-sucedida *marchand*, ou mais que isso: avaliadora de obras de arte; ambas encontradas mortas em casa por Renato Carpeaux, fotógrafo, irmão de Simone. Renato, um dos chantagistas no romance, que enriquecera nos últimos cinco anos, é o primeiro entrevistado (p. 25) e revela a Rosa-Torres que Simone tinha ligação com uma organização secreta, a Fama Volat (p. 37). Indo mais adiante com duas informações que lhe custarão a vida, ao revelar que sua irmã era amiga de Amarildo Suárez, o barão do café, colecionador de obras de artes, e de Ertha Fallaci, dona de uma galeria de arte bem grande, na Enseada do Suá (p. 39).

Borgo, o chefe de Rosa-Torres, o apoia, e dá ao subordinado total autonomia. Ao fim do romance, isso se tornará perigoso para o investigador, que se esquece de lhe avisar da ida ao ateliê de Ertha, cujo envolvimento ou não com a organização secreta só é revelado no último capítulo do livro, já citado “A correspondência Eastman-Kreuger-Doyle”.

Na Parte 1 do romance (o livro é dividido em duas partes), logo em sua primeira página (p. 15), o texto nos revela o seguinte:

É tudo história, com agá solene, maiúsculo. Repito: ouça com cuidado, atenção. Entre 10 e 11 de junho de 1903, durante o chamado Golpe de Maio, o golpe de estado que assassinou Aleksander Obrenovic', rei da Sérvia – e sua esposa, Draga Obrenovic', essa sim nossa protagonista.

Protagonista porque foi ela a primeira colecionadora de objetos de arte que atuou de forma clandestina, pois alguns membros da organização nacionalista Unificação ou Morte encontraram, durante o saque aos bens do trono, um tesouro cujo valor era tão imenso quanto desconhecido: “[...] partituras escritas pelo punho verdadeiro de Johann Sebastian Bach”, entre outras riquezas.

Outros personagens vão surgindo no curso da história; o investigador não é tão solitário. Rita Expedito, jornalista cultural, encontra-o com certa frequência. Há algo entre eles, algo que não se interpõe quase nada ao enredo do romance e no que ambos possam a ter com ele (p. 53). Com Rita, Rosa-Torres assunta sobre o caso e sobre artes.

O clima de mistério perpassa todos os personagens.

Renato Carpeaux fornece mais informações ao policial, agora dois envelopes, um deles com fotos (p. 69). O quebra-cabeça começa a configurar uma imagem de tudo mais clara. O empresário Amarildo Suárez é inquirido como suspeito. E é o criminoso, de fato. Porém, a toda ação corresponde uma reação: morador de Vitória, Suárez não pode revidar pessoalmente; é muito conhecido. Então, evoca os tentáculos da *Fama Volat* para ser protegido. Um carro branco passa a espreitar o investigador.

No romance há uma relação triangular homoafetiva feminina ou lésbica, como preferirem, e também uma heterossexual fortuita, ou seja, um caso, entre uma das personagens femininas, Simone, e um sobrinho de dono de rede hoteleira, amigo paulista de Amarildo Suárez, que, eventualmente, agirá em nome do

amigo capixaba, que não pode se expor na cidade onde mora e é bastante conhecido. Sobrinho esse de nome Renato, também chantagista. Quantas vezes as situações passionais fazem emergir algo que era para se manter secreto? Vários personagens revelam meandros a Rosa-Torres, entre eles Halifax, um grafiteiro afamado. Não cabe aqui citar todos eles.

Rosa-Torres, por sua origem paulista, também tem um policial amigo que o informa haver além da *undernet*, uma internet só de ricos, onde, provavelmente, por meio de *snaphats*, uns se comunicam com outros, para efetivação de transações secretas acerca de obras de arte e documentos das sete artes, um *hacker* é indicado pelo policial paulista ao investigador residente em Vitória, a fim de verificar a existência da *Fama Volat*, e confirma que há indícios da existência da organização secreta.

Simone e Ester foram mortas porque pela boca da segunda, em crise de ciúmes, começaram a vazar informações sobre a Fama Volat e membros da organização. Ação de terra arrasada que lhe custou a vida e a de Simone, embora não estivesse nos planos que Simone teria obrigatoriamente que morrer. Rosa-Torres não teria sabido disso se não tivesse sido emboscado por membros da organização na galeria de Ertha Fallaci, onde foi sem avisar a chefia em seu único descuido. Renato Carpeaux é morto. Mas não morre todo mundo no final.

Subjugado, Rosa-Torres ouve toda a verdade da boca de um dos tubarões da Fama Volat, um empresário paulista; o saber demais do investigador então vai além do que conseguira saber na investigação, o que é um problema tanto para a organização secreta quanto para ele. É admirado por quem foi investigado! Não é assassinado. Dopado, acorda numa calçada, onde transeuntes passam indiferentes. O que fará a partir de então o policial honesto e ilibado? Aquele que não entrava no mundo que investigava. Aquele incapaz de ceder a qualquer sedução. Conseguirá manter o seu verdadeiro *self*? Saberá o leitor se colocar em seu lugar no momento em que sofre o poder das circunstâncias? Essa é a grande dúvida.

Esse é um romance sobre um dilema existencial. Um romance sobre a dúvida. Lê-lo de cabo a rabo é a única chance dada ao leitor para viver o drama. Até que ponto um homem pode transcender o poder das circunstâncias? Principalmente quando elas não são subjetivas. Será a própria vida algo insignificante diante da possibilidade de revelar tudo o que foi descoberto, mas que ainda assim terá que ser provado?

Grijó consegue misturar a história do mercado das artes com a ficção de forma supimpa. Belo livro, que tem a ficção calcada em um fato real. Após a leitura, saímos enriquecidos e mais aptos a ler mais romances do gênero; isso enriquece a literatura. Nunca um romance policial, ao fim, deixou tanto suspense no ar. O mistério é desvendado, o dilema do investigador é o de decidir o que fazer com o conhecimento de tudo, em face de uma organização tentacular mafiosa, capaz de sobreviver a tudo. Ao fim, o leitor vê-se na mesma teia de Rosa-Torres, inevitavelmente, permeados, então, o investigador e o leitor, por entorpecimento e angústia na confrontação de algo muito perigoso.

Referência:

VARGAS LLOSA, Mario. *A orgia perpétua: Flaubert e Madame Bovary*. Tradução de José Rubens Siqueira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Recebida em: 2 de agosto de 2022.
Aprovada em: 24 de abril de 2022.